

# Formação como combate a barbárie e primeira infância

*Formation as a combat of barbarism and early childhood*

Márcio Luís Marangon<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho parte da preocupação dos constantes atos bárbaros que se repetem por todo o mundo na atualidade, buscando através de uma leitura histórico-hermenêutica vislumbrar possíveis alternativas para um combate mais efetivo deste problema. Para tanto, utiliza como recorte espaço temporal a passagem da *Bildung* para o Nazismo, iniciando pela análise do surgimento da *Bildung* na Alemanha, seus mentores e seus ideais, para posteriormente analisar possíveis fatores que levaram a substituição destes ideais pelos ideais nazistas e suas consequências para o mundo. Frente a isso, lança-se em busca de um novo olhar sobre o combate da barbárie, tendo como base, ideais formativos desenvolvidos por pensadores clássicos, como Kant, Rousseau e Fichte.

**Palavras-chave:** Formação. *Bildung*. Barbárie. Primeira infância.

**Abstract:** The present work starts from the worry about the constant barbaric acts which happen repeatedly around the world. In order to do so it uses as a timeline cut the change of *Bildung* to the Nazism, starting from the analysis of the rise of *Bildung* in Germany, its mentors and its ideals, for posteriorly analyzing possible factors that led to the replacing of these ideals for Nazis ones and its consequences to the world. It starts from the worry about the constant barbarous acts that are repeated in our present world, looking through a historical hermeneutical comprehension to find out possible alternatives for a more effective fight against this problem. Taking this in account, one looks for a new view on the fight against this barbarism, having as basis the formation ideals developed by classical thinkers as Kant, Rosseau and Fichte.

**Keywords:** Formation. *Bildung*. Barbarism. Early childhood.

## 1 Introdução

Do ano 800 d.C., quando Carlos Magno constitui o Sacro-Império Romano Germânico, até o ano de 1990, quando - após a queda do Muro de Berlin - a Alemanha enfim unifica-se, muitas guerras e mudanças sociais calcaram a formação do povo germânico e geraram uma identidade cultural diferenciada, própria deste povo (LOT, 1991).

Seja por sua língua, seja por sua postura histórica de pensamento, o povo germânico destacou-se diante de outros povos e foi protagonista de feitos de grande valia para a humanidade. Pode-se destacar os belíssimos tratados filosóficos de Nietzsche, Heidegger, Hegel e Marx, bem como, os belíssimos tratados educacionais, como a *Bildung*, a qual iniciou como um desejo de constituir uma corrente de pensamentos próprios e, com o tempo, tornou-se um grandioso projeto de formação cultural, chamada por muitos de *Paidéia* Alemã.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação (UPF). E-mail: mlmarangon@yahoo.com.br

Contudo, este mesmo povo germano - que produziu os belíssimos tratados para a elevação da humanidade – foi capaz de ações odientas. Entre elas, figurou duas grandes guerras, sendo que na segunda, chocou o mundo pela capacidade de barbárie e destruição instaurada pelos Nazistas.

São fatos tão paradoxais que parecem não representar o mesmo povo, e que nos impõe uma pergunta: como o mesmo povo que constitui um belíssimo modelo de formação humana e cultural abre espaço para resgatar a barbárie?

Esta não é uma pergunta nova. Adorno (1995) já refletira sobre isso em seus textos e mencionara que perguntas como essa são decisivas para a humanidade e devem ficar vivas em nossas memórias para sempre, para que situações como as de Auschwitz, não se repitam.

Contudo, ano após ano, cenas de barbárie se repetem pelo mundo, até mesmo em países onde se imaginava que a “alta cultura” ou “alto padrão” econômico não permitiriam “retrocessos” humanitários, demonstrando que a humanidade ainda não conseguiu (ou não quer?) descobrir onde estão as lacunas que permitem a continuidade de situações bárbaras.

A partir disso, modestamente, este trabalho tem como objetivo recuperar a preocupação de Adorno, e de outros autores, retomando e aprofundando o questionamento sobre o que constitui a barbárie no mundo e como ela pode ser combatida, na expectativa de contribuir para a discussão sobre esse problema que ronda o mundo e constantemente tira vidas sob a forma de totalitarismos, extremismos, dogmas ou ideologias.

Para tanto, buscar-se-á analisar os fundamentos da constituição da barbárie nos homens, tendo como recorte histórico de análise e observação a passagem da *Bildung* para o Nazismo na Alemanha. Ação de análise esta, que como menciona Rüdiger (1999, p.197) “solicita antes uma hermenêutica crítica que, se bem não nega o material empírico extraído dos informantes, remete seu sentido à história”, tendo como objetivo compreender sua historicidade.

Com isso, o presente trabalho seguirá em três partes: na primeira parte, trará uma rápida reflexão sobre o surgimento da *Bildung*, seus desafios e o que representou ao povo Alemão. Em um segundo momento, buscará refletir sobre os fatores que levaram o povo Alemão da *Bildung* à barbárie e, em um terceiro momento, buscará analisar, frente os fatores apresentados no segundo momento, quais são as possibilidades de combater o retorno da barbárie.

Não desejo especificar aqui qual é a tese deste trabalho, pois, creio que esta iniciativa seria perigosa para um primeiro olhar leigo sobre este recorte histórico. Deixo então, para

juízos posteriores, a devida análise do leitor sobre o desenrolar da história com um olhar diferente sobre a formação do povo alemão desde o início da *Bildung* até a constituição e execução do projeto Nazista e seus ecos pelo mundo até a atualidade. Vamos aos fatos.

## 2 O surgimento da *Bildung*<sup>2</sup>

O surgimento da *Bildung* na Alemanha consta com o fato da derrota do Sacro Império Germânico em 1806 para as tropas napoleônicas<sup>3</sup>, a qual, desencadeou questionamentos sobre a condução da formação do povo, a gestão dos recursos e o planejamento do destino do Sacro Império, isso porque percebeu-se que “não faltava aos alemães a bravura guerreira, faltava-lhes, sim, um projeto de educação nacional que, sendo totalmente novo, incorporasse as especificidades do *ser alemão*” (WEBER, 2011, p. 42).

Ou seja, a invasão dos exércitos de Napoleão demonstrou tanto o relativo atraso econômico e político, como a carência de um sistema de educação que desenvolvesse uma cultura superior (uma ‘identidade’ própria), e então, como destaca Weber, “foi nesse período que se afirmou com toda a intensidade o princípio da educação enquanto ‘cultivo de si’, *Bildung*” (2011, p. 44).

A derrota para os franceses, juntamente com o desenvolvimento do romantismo<sup>4</sup> - ao mesmo tempo em que a Revolução Francesa e a Revolução Industrial agitavam a Europa no século XVIII e o movimento iluminista contribuía para constituir uma nova forma de pensar e criar condições para o desenvolvimento de um novo modelo de sociedade, voltado para a cultura e o progresso cognitivo - impulsionou uma renovação cultural que foi aderida também pelos burgueses, os quais tinham a intenção de fortalecer seu próprio ideário e viam a educação como um princípio importante para isso: “se os homens não deveriam mais ser divididos pelo nascimento, a educação deveria poder torná-los iguais, ao menos formalmente” (WEBER, 2011, p. 44).

As iniciativas educacionais ganharam destaque a partir desta nova reflexão, e o tema *Bildung* se tornou uma predileção entre os pensadores alemães, visando à construção de ideais pedagógicos, representados, por exemplo, pela criação da Universidade de Berlim,

---

<sup>2</sup> Os dados sobre a origem da *Bildung* partem da pesquisa de Dissertação: MARANGON, Marcio Luis. **Bildung na contemporaneidade: alguns legados pedagógicos de Goethe**. 2013.

<sup>3</sup> Que culminou na tomada de Napoleão sobre parte do império, formulando a confederação de Reno.

<sup>4</sup> O movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto) abriu espaço para o surgimento do Romantismo na Prússia (ancorado em nomes como Goethe e Herder) instigando uma visão de mundo mais subjetivista e impulsionou também um sentimento nacionalista. (GUINSBURG, 2002)

potencializando o projeto de Humboldt que buscava mesclar desenvolvimento científico com formação intelectual e moral, ou pelos *Bildungsroman* (romance de formação), desenvolvidos por grandes nomes da literatura alemã do século XVIII - como Goethe - que tinham como objetivo a formação do leitor através de um enredo que conduzia à formação do protagonista da obra, desde seu início, até que este atingisse o grau de perfectibilidade desejado (MAAS, 2000).

A *Bildung* passou então a representar um processo de consolidação da formação dos indivíduos, onde à educação caberia orientar os indivíduos para seu autocultivo, constituindo-os como seres críticos e sociais, capazes de alavancar a transformação da Alemanha, não pela força física, mas pela força de espírito, de reflexão.

Mesmo assim, é difícil afirmar se em algum momento da história da Alemanha, ela transformou-se em um “mantra” educacional, tal como foi projetada nas utopias de seus idealizadores. Talvez, mesmo a *Bildung* tendo seu desenvolvimento iniciado no século XVIII, seus ideais somente tiveram maior relevância no final do século XIX e início do século XX, mais precisamente a partir da constituição de Weimar de 1919<sup>5</sup>, a qual demonstra que,

Após a guerra de 1914-1919 as declarações de direitos conhecem um impulso enorme. Nos Estados criados ou transformados pela guerra, as assembleias constituintes adotam nos preâmbulos das constituições um bom número de artigos fixando as bases políticas e sociais do novo regime. Elas registram o nascimento de novos direitos saídos da evolução da vida social; eles remetem ao dever do Estado [...] sobretudo a criação de condições necessárias para assegurar-lhe a independência social. (BORDEAU *apud* CURY, 1998, p.83)

A Constituição de Weimar<sup>6</sup> buscou assegurar os direitos políticos dos cidadãos, como o voto universal, a liberdade de expressão, a liberdade para a sindicalização e o desejo da liberdade à educação<sup>7</sup> e da construção de universidades e escolas populares, com ampla valorização dos professores - dos quais era exigido uma formação de alto nível, com alta qualificação cultural - como pode-se ver na transcrição do Art. 143<sup>8</sup>:

---

<sup>5</sup> É importante lembrar que após a I Guerra Mundial onde, a Alemanha além da derrota - que forçou a abdicação do *Kaiser* Guilherme II ao trono em 1918 -, teve que arcar com a humilhação do Tratado de Versailles (1919). Entre esse tempo, 1918-1919, muitas lutas sociais foram travadas entre esquerda e direita, com assassinatos de líderes importantes, como Rosa Luxemburgo, mas também com a conquista da implementação de várias reformas sociais, incluindo a Constituição de Weimar (1919).

<sup>6</sup> A qual teve Hugo Preuss, professor da Universidade de Berlim, de **origem judaica**, como autor do primeiro projeto - de um total de cinco - até ser promulgada em agosto de 1919, constituindo a República Federal da Alemanha - basicamente junto com o anúncio do Tratado de Versalhes.

<sup>7</sup> Vale dedicar-se ao Livro II da Constituição, o qual tem como título "Direitos e Deveres fundamentais do cidadão alemão", e trabalha a temática da "educação e escola" no capítulo IV, dividido em nove artigos.

<sup>8</sup> A tradução dos Artigos da Constituição de Weimar foram retirados do artigo de Cury (1998).

Instituições públicas devem atender à educação da juventude. Para criá-las o Reich, os Estados e os municípios deverão colaborar entre si.  
A formação dos professores deverá ser normatizada de modo homogêneo buscando princípios que se aplicam à mais alta cultura;  
Os professores das escolas públicas possuem os mesmos direitos e obrigações que os funcionários do Estado.

Outro artigo que se destaca é o 145, o qual menciona o princípio básico da escola única, pública, obrigatória e gratuita: “O ensino é obrigatório para todos. Para atender a esta tarefa haverá escolas nacionais com um mínimo de 8 anos de escolaridade. Haverá também escolas complementares até que o indivíduo complete 18 anos. O ensino e o material escolar são gratuitos tanto nas escolas nacionais quanto nas complementares”.

Percebe-se assim, que a democratização da escola na República Federal da Alemanha implicou tanto dimensões comuns e obrigatórias, como o respeito às aptidões e necessidades individuais, inclusive trata-se - segundo os historiadores - de oferecer bolsas para estudantes de famílias mais pobres. Destaca-se também o cuidado com o zelo pelo respeito com as opiniões diferentes. Direitos e deveres, bem como o ensino profissional são temas do Artigo 148: “Em todas as escolas deverá haver o cuidado com a educação moral, inculcando ideias cívicas, dando a necessária aptidão pessoal e profissional, inspirando-se no espírito da nação alemã e da concórdia entre as nações”.

Cury (1998, p. 88-89), faz questão de mencionar quatro pontos importantes sobre a preocupação da educação na constituição de Weimar:

Primeira: investir em educação é apostar no presente e no futuro do Reich uma vez que ela é considerada peça estratégica no soerguimento da nação. Daí o detalhismo na própria Constituição. Segunda: busca-se uma democratização da educação escolar, via sistema nacional, que contemple a escola primária única, gratuita e obrigatória para todas as classes sociais e para todos os cidadãos alemães sem quaisquer discriminações. Terceira: a busca de um acordo mínimo em torno da questão do ensino religioso, pensamente obtido. Criou-se, pois, uma multiplicidade institucional de escolas públicas: umas com regime laico, outras com regime confessional e outras com regime interconfessional. Finalmente, tem-se a presença forte do Estado no sentido de ser ele o titular da educação escolar. Só ele tem a capacidade jurídica de inspecionar estabelecimentos, de autorizar a abertura de escolas privadas, de restringir a amplitude da liberdade de ensino e de interferir na educação religiosa.

Assim, se a formação teve um importante papel a desenvolver na constituição da Alemanha, percebe-se que a *Bildung* está explícita nela, a constar, com a ideia de Universalidade e respeito às diferenças, bem como, na ideia de que quanto mais os indivíduos estiverem formados, melhor o estado andarás - assim como também eram os ideias gregos -

desenhando um esboço prático daquilo que muito se refletiu utopicamente pelas teorias dos grandes representantes da *Bildung* desde suas origens.

### 3 Da ascensão a decadência: a queda da *Bildung*

Entretanto, como mencionado no início do texto, ao analisar a história do povo alemão, principalmente a partir do exposto sobre o gênese da *Bildung*, torna-se paradoxal pensar que um povo capaz de constituir um ideal de formação tão belo possa regredir humanamente e constituir atos bárbaros que marcaram negativamente toda a humanidade. A partir disso, introduz-se um dos seus pontos centrais deste trabalho, que é compreender: “como pode um país tão culto e educado como a Alemanha de Goethe desembocar na barbárie nazista de Hitler?” (MAAR, 1995, p.15), e com isso, almeja-se apontar indicativos a serem refletidos na terceira parte do trabalho.

Pois bem. Para iniciar esta análise é importante perceber que, embora teoricamente a Constituição de Weimar demonstra-se uma grande evolução político-social, a mesma não foi bem “digerida” pelo povo alemão, e a discussão sobre o ensino religioso foi um primeiro ponto de desencontro entre as correntes sociais. A disputa entre a esquerda, que desejava um estado laico, e a Igreja juntamente com a direita, que visava se beneficiar da influencia da religião, acabou por prejudicar a efetivação de uma escola única, na qual se colocava a expectativa pela união do país, e - apesar das promessas de unificação - foi trágico o final de Weimar.

A Constituição, inspirada em sua primeira edição por um judeu e imposta após o Tratado de Versailles, era considerada pela direita alemã uma traição, e começou a ser cada vez mais questionada após a crise que iniciou em 1924, que se agravava cada vez mais sob as pesadas obrigações da Alemanha para arcar com o tratado (RICHARD, 1988).

Assim, o Parlamento alemão, não conseguiu mais controlar as finanças e as intrigas das oposições e caiu em descrédito, dando espaço para o avanço do nacionalismo extremo. Apoiado pelos industriários capitalistas<sup>9</sup>, Hitler teve espaço para assumir o poder com um golpe de Estado, sendo apoiado pelo temor dos burgueses de que os comunistas pudessem assumir o poder em meio a crise e instalar uma ditadura proletária como a russa.

---

<sup>9</sup> Este é um dado interessante para analisar a continuação da *Halbbildung*. Hitler, teve o apoio da burguesia (a mesma que lutou por uma formação universal) e, mais tarde vai utilizar-se desta ferramenta para manter seu *status* através da Semiformação.

Diante dos novos fatos, a República de Weimar - que montou uma constituição modelar com respeito aos direitos dos indivíduos e potencialização da educação – sofreu “uma perda de consciência do interesse geral em proveito da defesa demagógica de interesses particulares e partidários” (ROUSSELL *apud* CURY, 1998, p.102).

Ao final, a formação que poderia ter sido a haste de apoio de uma renovação cultural alemã pereceu, juntamente com os ideais de democracia política e social, e viu a República de Weimar terminar em janeiro de 1933 com o ato culminante da chegada do partido nazista ao poder. Por quê?

Adorno (2005) aponta ao menos para dois problemas: primeiro, em seu texto “Educação após Auschwitz”, onde menciona que “as antigas e consolidadas autoridades do Império haviam ruído e se esfacelado, mas as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação. Elas não se revelaram a altura da liberdade que foram apresentadas de repente” (p.123). Segundo, em seu texto “O que significa elaborar o passado”, menciona que a ordem econômica vigente não possibilita aos sujeitos o tempo necessário para as coisas melhorarem em seu ritmo, o que obriga as pessoas a depender de situações das quais elas se sentem impotentes. Desta forma, para sobreviver, elas precisam se adaptar abdicando do seu próprio “eu” e se submetendo de forma totalitária ao existente, aumentando sua satisfação e seu ódio.

Desta maneira pode-se apontar que o que aconteceu com a República de Weimar, segundo Adorno (1995, p.38), foi um desespero em direção à um segmento que demonstrava providências de proteção e expansão da cultura alemã em meio a crise que se instaurava:

Em comparação ao *laissez-faire*, o mundo hitlerista efetivamente protegia seus adeptos frente as catástrofes naturais da sociedade que se abatiam sobre as pessoas. De um modo autoritário estabeleceu-se prioridade do controle das crises, um experimento bárbaro de direção estatal da sociedade industrial. A tão lembrada integração, o adensamento organizatório da rede social que tudo abrangia, propiciava inclusive proteção em face do medo geral de ficar de fora e submergir. Para um numero incontável de pessoas, a frieza de seu estado de alienação parecia eliminada pelo calor do estar em comunidade, por mais manipulada e imposta que fosse essa situação; a comunidade popular dos não iguais e dos não-livres, como mentira que era, também era simultaneamente a realização de um sonho burguês antigo, embora desde sempre perverso.

Apropriando-se então do medo, dos impulsos instintivos, dos impulsos narcisistas (orgulho), da falta de cultura do povo<sup>10</sup> e da vontade de poder dos indivíduos (ADORNO,

---

<sup>10</sup> Adorno (1995, p.127) expõe que: “Em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre e que é propícia à violência”.

1995), Hitler constituiu um “orgulho nacional” e instituiu as vontades do nazismo, dando como promessa aos alemães a falsa possibilidade de alcançar a perfeição, como nação e como indivíduo.

As consequências da intervenção nazista, como sabe-se, não foram nem um pouco suave com o povo alemão, muito menos com os estrangeiros (principalmente com os Judeus). O idealismo nazista trouxe consigo dois pressupostos que distorceram toda a cultura construída pelos intelectuais prussianos: a instrumentalização e a equivocada ideia de perfeição.

Para alastrar seu desejo de nacionalismo, Hitler fez das escolas alemãs um instrumento. As escolas, e a formação do povo alemão, que outrora buscava e praticava a liberdade formativa - instituindo até mesmo os romances de formação que davam amplo acesso aos indivíduos para com os processos educativos - agora se tornavam, pelas mãos do nazismo, como símbolo do pensamento idealista de seu líder, mero instrumento de uma “educação étnica” para a construção de um novo homem: o homem nazista, preconceituoso, individualista, com desejos incontrolláveis de poder e dominação, o qual, deveria estar alicerçado não mais na liberdade e na universalidade, mas sim, no desejo de ter e possuir. O ponto de referência deste pensamento estava fundado na busca, ou na “elevação” da raça perfeita.

Para conseguir seu objetivo, o partido nazista utilizou-se da falta de cultura do povo do campo<sup>11</sup>, demonstrando que, segundo Adorno (1995, p.127), onde “a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre e que é propícia à violência”, e, nas cidades, transformou formação em deformação (ou Semiformação) modificando o andamento da educação: escolas que não se dobraram para a execução do pensamento nazista foram fechadas, professores foram demitidos e os que restaram tiveram que filiar-se no partido nazista, ou ao menos, demonstrar amplo apoio aos ideais nazistas (sob o risco de, caso do não cumprimento da lei, serem presos).

Os clássicos formativos, inclusive os romances de formação (*Bildungsroman*) foram substituídos por novos livros<sup>12</sup>, os quais foram produzidos e distribuídos gratuitamente pelo partido nazista, livros estes, que traziam mensagens - subliminares ou diretas - de

---

<sup>11</sup> Adorno (2005) menciona que grande parte dos jovens recrutados para o Partido Nazista era oriundos do campo, onde a educação não chegava, ou chegava de modo precário.

<sup>12</sup> Nas universidades os livros foram até mesmo queimados, como pode-se ser recordado a queima de livros de maio de 1933, onde tudo o que fosse crítico, ou estivesse fora dos “padrões nazistas” deveria ser queimado. Mais de 20.000 livros foram queimados, a maioria de bibliotecas públicas e universidades.



desumanidade e ódio. Até mesmo o ensino extracurricular tinha como objetivo a formação de entusiastas pelo reforço da educação ideológica.

Em resumo, o que possivelmente tenha levado o povo germano a sair da *Bildung* para a Barbárie foi: em primeiro momento, segundo Adorno, os próprios alemães que ainda não se encontravam psicologicamente preparados para a liberdade e a democracia que estava por vir; segundo, a economia em crise causou insegurança e desespero, impelindo os indivíduos em direção à um segmento que demonstrou providências de proteção, e em terceiro, Hitler apropriou-se destes medos, somou-os aos impulsos instintivos, e dos impulsos narcisistas do povo em prol de uma “vingança” sobre a I Guerra Mundial, iludiu o povo com a ideia de “raça perfeita” e apropriou-se de suas forças, utilizando-as em benefício das próprias ideologias.

Não se pode deixar de citar também que, para garantir a realização de seus ideais, Hitler fez das escolas alemãs instrumentos de uma “educação deformada”, substituindo professores, obras e currículos de formação humanística, por similares com conteúdos nazistas.

Contudo, há outra causa importantíssima de ser refletida, que na maioria das reflexões torna-se uma lacuna séria, e a ela deve-se dar muita atenção. Segue a reflexão: sabe-se, desde as reflexões de Rousseau, que a primeira infância é um dos principais estágios de formação do ser humano. É neste estágio que se forma o caráter dos indivíduos e, por isso, ele é importante de ser acompanhado para a formação de bons cidadãos.

Acontece, que a Alemanha dos anos anteriores ao Nazismo era um país de pouco acesso à educação. Somente a aristocracia tinha acesso à educação de qualidade, enquanto as demais camadas sociais constituíam-se sob os pilares da resignação e limitação de sua condição social. Camadas estas também, que eram as que mais sofriam a cada nova batalha de seu império, ou, a cada nova invasão de impérios vizinhos - como era o caso da França.

Desta forma, gerações que foram constituídas desde a infância sob problemas sociais traziam em si a “semente” da revolta, do desejo de vingança, de calcar povos que pudessem “levar a culpa” pela situação que haviam passado, tornaram-se “presa fácil” para um regime totalitário, governado por um líder de extrema habilidade de oratória. Ou seja, não só a falta de cultura dos jovens foi crucial para a aceitação do Nazismo, nem mesmo a condição econômica pela qual passava o país, ou ainda a soma destes fatores e de outros fatores ideológicos, mas sim, crucialmente, o não combate à barbárie desde a infância. Problema pelo qual a humanidade padece até hoje.

#### **4 Da barbárie à formação humana: uma retomada**

Ora, após esta análise, percebe-se dois pressupostos necessários: primeiro que a utilização da educação, ou a transformação da formação em deformação por parte do partido nazista, confirma a preocupação de Adorno (1995), o qual menciona que a educação de qualidade é fundamental para a constituição de uma consciência verdadeira, que eleve os indivíduos à autonomia (usando a expressão kantiana), permitindo-lhes refletir sobre a situação e autodeterminar-se, não deixando-se a mercê de ser enganado ou alienado pelos pressupostos extremistas.

Talvez seja um tanto pretensioso dizer que a barbárie alemã “só foi possível” pela falta de cultura do povo, pois isso, seria ignorar que o próprio Hitler era um homem culto e que gostava muito de cultura (música, arte, literatura). Mas, não pode ser ignorado o fato de tantas pessoas curvarem-se a um ato de extrema barbárie sem questionar-se, ou contrapor-se, às consequências que viriam. Então, faz-se necessário repensar qual o tipo de cultura, ou formação, deve ser oferecida a sociedade.

Segundo, é que esta formação deve ser elaborada como antecipação ao problema. Ou seja, não basta remediar a situação após sofrer suas consequências, antes sim, é necessário fazer um esforço para que o indivíduo esteja preparado para repudiar toda e qualquer expressão de barbárie.

Com isso, a tese que aqui se propõe parte da necessidade de uma formação que gere emancipação, autonomia e originalidade, compreendendo que educar contra a barbárie - e impedir seu retorno de modo disseminado - é educar para o autocontrole, para a consciência do papel de cada um no mundo, para uma liberdade bem regrada, e, para que isso seja possível, é importante que uma formação com estas características e objetivos comece ainda na primeira infância.

Para tanto, o primeiro passo é reconhecer que este é um problema contínuo (o retorno da barbárie) e, por isso, deve ser combatido continuamente, contrapondo-se à ausência de consciência nos indivíduos: “é preciso evitar que as pessoas golpeiem para todos os lados sem refletir a respeito de si próprias” (ADORNO, 1995, p.121).

Neste contexto, a educação tem um sentido unicamente como “educação dirigida” para a construção da autorreflexão crítica, tendo como objetivo a constituição de indivíduos com

conscientização e racionalidade, indivíduos que busquem a originalidade, e assim, não sejam absorvidos por extremismos de massa, ou seja, pessoas emancipadas. (Idem)

Para alcançar tal objetivo, Adorno (1995, p.141) acreditava em uma concepção “inicial” de educação, a qual prepara os homens para se orientar no mundo - tendo consciência de que isso depende de algumas adaptações - mas não se detenha somente a isso, pois assim, produziria apenas pessoas bem ajustadas<sup>13</sup>. Desta forma, a constituição de uma consciência crítica contra o “ideal de rebanho” perpassa por um processo de fortalecer a resistência, mais do que fortalecer a adaptação.

Ora, parece um tanto contraditório falar em modelagem e adaptação ao mesmo tempo em que se fala em criticidade e originalidade. Mas, esta posição de intervenção na educação dos indivíduos não vem somente de Adorno, antes sim, de uma preocupação de outros tempos e de outros pensadores. Para demonstrar isso é possível recorrer a Fichte, o qual, muito antes da I Guerra Mundial já alertava para a educação estéril dos alemães que não contribuía para que os mesmos se autogovernassem. E esta esterilidade tinha, para Fichte, uma causa: a não intervenção da educação na mobilização e educação da vontade dos indivíduos.

[...] é justamente nesse reconhecimento de uma livre-vontade do aluno, e no fato de contar com ela, que se encontra o primeiro erro da educação praticada até o momento, e a confissão manifesta de sua impotência e de sua nulidade. Pois, confessando efetivamente que, apesar de toda sua eficácia, a vontade permanece entretanto livre, ou seja, indecisa, oscilando entre o bem e o mal [...]. (apud VICENTI, 1994, p.92)

É possível perceber nesta passagem que a palavra “modelagem” não tem a ver com alienação, ao contrário, tem a ver com o combate desta. Para Fichte, assim como havia sido para Kant, o processo de “modelagem da boa alma” era importante para que os indivíduos não se deixassem aliciar antes de atingir sua maioridade<sup>14</sup>. Desta maneira, cabe aqui pensar que a educação visualizada em Adorno (que gere emancipação), pode ter uma ligação em relação ao que Fichte posicionou em seu segundo “Discurso a Nação Alemã”: a necessidade de formar o indivíduo para um querer puro, moldado em leis universalmente aceitas e que deixe os

---

<sup>13</sup> O problema em produzir pessoas bem ajustadas é que, em decorrência da maneira como a educação é tratada na sociedade contemporânea, ou seja, como mero instrumento para formação de mão de obra (training), a educação para estes fins estariam somente alienando e não libertando.

<sup>14</sup> Para lembrar, Adorno (1995) mencionava que uma das causas para o surgimento da barbárie foi que o líder nazista dominou (ou conduziu) a vontade do povo alemão, algo que nem o próprio povo, nem a educação (ou a falta dela) haviam feito. E então, foi capaz de leva-los a lutar por sua causa. Essa passagem de Adorno (1995) demonstra a importância de refletir sobre o que pode acontecer com os indivíduos antes de seu estágio de maioridade, o que Vicenti aponta ao mencionar que, “nada existe que nos permita saber efetivamente se nós, mesmo ao final da deliberação mais refletida, escolhemos livremente, e se não fomos, finalmente, determinados por uma causa externa, pela natureza e não pela nossa liberdade”. (1994, p.21)

indivíduos sem nenhum espaço para desviar-se do caminho, indivíduos que sejam então livres, mas livres com consciência. “A educação que eu propus deve, então, ser uma arte segura e refletida, para formar uma vontade boa, constante e infalível no homem; essa é sua primeira característica” (*apud* VICENTI, 1994, p.104).

A formação da “vontade boa” de Fichte parece estar ligada a preocupação de Adorno de “evitar que as pessoas golpeiem para todos os lados”, facilitando o processo de resistência frente ao nobre objetivo que é evitar que a barbárie retorne a sociedade, e conseqüentemente que ações - como a de Auschwitz - não se repitam. Isso porque, a formação da “vontade boa” tem como objetivo uma ação constante e infalível, dos indivíduos, o que evitaria a possibilidade de os mesmos “pendem” sua alma para algo não ético.

Parece claro, para ambos autores, que à educação não pode se permitir unicamente o papel de medicalização do problema, mas sim, é preciso que a educação cumpra o papel de antecipação do problema, conforme recordado por Adorno: “conforme ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, formam-se na primeira infância” assim “a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância”. (1995, p.121-22)

Essas palavras de Adorno demonstram que a utopia de uma a formação de indivíduos que gere emancipação, autonomia e autocontrole, constituindo-os resistentes aos extremismos, funda-se em outra premissa essencial: a formação da primeira infância. Premissa esta que leva este trabalho a citar outras duas referências importantes: Rousseau e Kant.

Kant – leitor de Rousseau – em sua teoria educativa aceitava pensar que a coerção e as punições poderiam ser (e somente seriam) requisitadas para “restringir o livre-arbítrio e orientá-lo em direção à vontade boa” (VICENTI, 1994, p.24). Esta coerção deveria suprir a falta de reflexão das crianças e preparar a edificação da vontade livre para a futura constituição da mentalidade moral<sup>15</sup>. Conforme menciona Kant em “Reflexões sobre a educação”, à propensão a liberdade no homem impõe a necessidade de disciplina o mais cedo possível, para que esta não leve os homens a perderem-se pelo caminho.

Suas ideias reforçaram o que Rousseau (2014) já demonstrava no *Emílio*: a importância de afastar as crianças dos vícios da sociedade e construir o exercício da boa

---

<sup>15</sup> É importante fazer a leitura desta concepção pedagógica de Kant frente ao seu contexto histórico, o que não significa que Kant presava pelo uso da violência para educar as crianças, ao contrário, pregava uma educação que levasse os educandos a compreender a necessidade de receber uma boa educação e desenvolver sua maioria de maneira livre, já que, para Kant é essencial a compreensão de que o ato educativo somente se faz diante de alguém que queira educar e de alguém que queira, livremente, aprender.

conduta através da educação, para futuramente poder equilibrar as faculdades do querer e do poder. Como mencionou, “nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação” (ROUSSEAU, 2014, p.09).

Rousseau muito insistiu na boa formação desde o início, demonstrando em vários momentos que a falta de uma boa educação, ou uma educação equivocada, poderia colocar a perder todo o projeto do ser humano, e que muitos dos problemas sociais de sua época eram causados justamente porque os indivíduos não tinham a formação adequada para utilizar seu potencial, tornando, até mesmo, as ciências e as artes – grandes símbolos da evolução humana – problemas para a espécie por simplesmente querer sustentar os vícios e não as virtudes.

Como se percebe, pressupostos de seus ideais que perpassaram pelos pensamentos de Kant, posteriormente de Fichte e adentraram na Alemanha do século XIX através da *Bildung* e seus pensadores, parecem não ter a suficiente adesão. Tanto que Adorno, direta ou indiretamente, relembra-os para demonstrar, novamente, após II Guerra Mundial que, quanto melhor for à educação da primeira infância, quanto mais ela estiver atenta ao combate dos vícios dos homens e de seus equívocos em relação aos seus narcisismos, maior será a possibilidade de constituir uma sociedade equilibrada.

## 5 Considerações finais

Seria inoportuno tentar encontrar soluções mágicas para um problema que caminha junto à história da humanidade. A barbárie, é mister lembrar, esteve presente desde os primeiros povos, esboçando atos sanguinários em guerras e massacres como os causados pelos povos assírios, passando pelas cruzadas, atingindo níveis como o do nazismo e seguindo na contemporaneidade com ataques e guerras civis, os quais ocasionam tanto ataques como os ocorridos nas Torres Gêmeas nos EUA, como os ataques em mesquitas no Oriente Médio.

Ao mesmo tempo, seria covarde continuar falando em evolução cultural quando a humanidade não consegue refletir sobre suas ações e continua sucumbindo aos seus desejos supérfluos e aos seus narcisismos, sem ao menos parecer importar-se com as consequências dos seus atos.

Inoportuno também é pensar que a barbárie é algo do passado, quando “o encantamento do passado pôde manter-se até hoje, unicamente, porque continuam existindo

suas causas” (ADORNO, 1995, p.49) e suas raízes podem ser percebidas em protestos “democráticos” onde carregam-se símbolos nazistas e ditatoriais ou quando crianças são utilizadas para assassinar, à sangue-frio, em frente às câmeras que, posteriormente, têm suas imagens divulgadas para o restante do mundo, demonstrando que quando a educação não tem oportunidade de desempenhar o seu papel, ou tem a oportunidade e nega-se a fazer tornando-se estéril, a ética continuará a ser danificada por grupos de indivíduos desumanos que degradam o valor da vida.

Por isso, se há algumas máximas que podem ser decretadas, sem medo que elas se transformem em dogmas, uma delas, com toda certeza, é de que a barbárie deve ser combatida, insistentemente, para que se possa ter o prelúdio de um futuro melhor.

Isso posto, é preciso compreender a importância de superar uma formação que seja simplesmente técnica, voltada para o crescimento econômico e para o consumo, buscando constituir uma formação que busque a emancipação, a autonomia e a autenticidade. Uma formação que contribua na constituição de uma “vontade boa” de um indivíduo que tenha autocontrole e consciência de seu papel de sujeito no mundo.

Por conseguinte, para que isso seja possível, é importante que uma formação com estas características e objetivos comece ainda na primeira infância, combatendo vícios artificiais e a adaptação mecânica e instaurando uma vontade boa, constante e infalível, que gere processos de permanente resistência à alienação e a barbárie.

Para finalizar, tenho o desejo de tratar de dois pressupostos que não devem faltar a esta educação: o primeiro é a recuperação da memória, ou a historicidade do problema, premissa esta que mostra ser essencial, em todos os espaços educativos, ter presente as atrocidades que aconteceram, seja na Segunda Guerra, seja em demais espaços de ação extremista (governos ditatoriais, espaços religiosos, grupos sociais, cartéis), para que, vivos na memória de todos, possam representar uma repulsa constante por parte das novas gerações a toda forma de barbárie.

O segundo é sobre a perfectibilidade. Este é um tema que precisa ser estudado, compreendido e trabalhado com as novas gerações. A ilusão que os avanços técnico-científicos trouxeram de que o homem tudo pode - e o que ainda não pode conseguirá atingir em pouco tempo -, relativiza as consequências do que estes desejos ilimitados podem trazer.

A sociedade precisa compreender - e ensinar - que, longe da possibilidade de atingirmos a perfeição como indivíduos e assim agir de forma perfeita com os outros e com a natureza, a perfectibilidade humana deixa qualquer indivíduo à mercê de acertos e erros e,

assim, impossibilita a constituição de uma “raça perfeita” ou uma “sociedade perfeita”. Por isso, é preciso expandir o olhar sobre ações equitativas na sociedade e no planeta, dando oportunidade de vida digna a todos.

Para isso a educação não pode contentar-se com “o que está aí”, para imaginar o que fazer “a partir disso”, mas sim, rever as situações que nos colocaram nesta situação e pensar - assim como em outras épocas (*Humanitas, Pietismo, Bildung*) -, como refazer os processos repetindo o que deu certo e, reformulando aquilo que erroneamente foi aplicado e continua sendo aplicado sem consciência. O combate à barbárie passa então, também, por uma autorreflexão sobre a formação atual e a condição “humana”.

### Referências

- ADORNO, Theodor W.. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- CURY, C. R. J. A constituição de Weimar: Um capítulo para a educação. **Educ. Soc.** [online]. 1998, vol.19, n.63, pp. 83-104. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301998000200006>>. Acesso em: set. 2015.
- GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**. 4. Ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2002.
- LOT, Ferdinand. **O fim do mundo antigo e o princípio da idade média**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- MAAR, W.G. Introdução. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- RICHARD, Lionel. **A república de Weimar (1919-1933)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ROUSSEAU, J-J. **Emílio, ou, Da educação**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.b
- RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade: Fundamentos da Crítica à Indústria Cultural em Adorno**. 2.ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- VINCENTI, Luc. **Educação e liberdade: Kant e Fichte**. São Paulo: UNESP, 1994.
- WEBER, José Fernandes. **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche**. Londrina: Ed. Universidade Estadual de Londrina, 2011.